

2007

De vez

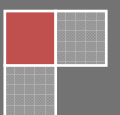
Apresentação dos livros infantis “De Onde Venho?” e “Por Quem Me Apaixonarei?”

Livraria Bulhosa (Entre Campos), Lisboa, 15 de Dezembro de 2007

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

2007



As verdadeiras estórias que nos trazem aqui hoje são as dos livros do Javier Termenón, e do Wieland Pena e do Roberto Maján. Mas deixem-me começar com duas estorinhas.

Era uma vez uma criança chamada Ana. Ana vivia com os seus pais, de quem gostava muito, numa casa mutio bonita onde tinha um quarto só para si e pintado com as cores que ela mesma tinha escolhido. Ana tinha primos e primas com quem gostava de passar os fins de semana e as férias e com quem brincava e se zangava e fazia as pazes. Ana ia à escola, uma escola bem cuidada, com professores que gostavam verdadeiramente das crianças. Ana gostava de aprender, de ler, de fazer contas, de ouvir e contar histórias, de desenhar, de tocar flauta e aprender inglês. No recreio, ainda assim o melhor momento do dia, Ana brincava com os amigos e as amigas como se aquele tempo nunca mais acabasse. Mas havia uma coisa que Ana não gostava. Uma coisa de que ela não gostava mesmo nada. Não gostava dos livros em que só falavam de outras crianças que viviam sempre com um pai e uma mãe; não gostava quando a professora pedia que fizessem redacções e desenhos sobre o dia da Mãe ou o dia do Pai; não gostava nada quando os outros miúdos troçavam dela quando respondia à terrível pergunta: “então e a tua mãe, onde está?” E a razão para isto era que Ana vivia com dois pais, dois homens que gostavam muito um do outro e que a tinham adoptado quando ela tinha perdido a mãe de cuja barriga tinha nascido.

Era uma vez também um rapaz chamado Pedro. Por acaso andava na mesma escola que a Ana. O Pedro ficava sempre muito intrigado quando os adultos lhe perguntavam se já tinha namorada. Ficava muito intrigado

quando ouvia as colegas cochicharem sobre os namoros com os rapazes – por exemplo, quando soube que a Ana tinha dito às colegas que gostava dele – ou quando ouvia muitos dos rapazes cochicharem sobre as raparigas. Ele não percebia muito bem o que era essa coisa do namoro e do amor e muito menos aquela coisa mais complicada do sexo. Mas sabia que, se tinha alguma coisa a ver com sentir-se bem na companhia de algum amigo ou amiga mais especial; ou com sentir saudades de algum amigo ou amiga mais especial; ou com sentir uma dor na barriga que era má e boa ao mesmo tempo quando estava ao pé de um amigo ou amiga mais especial – então, ser era isso, não percebia porque tinha que sentir isso só por raparigas; ou porque ouvia dizer que era feio um rapaz gostar de rapazes; ou porque havia tantos palavrões e insultos para esses rapazes, quando a gente nem sequer sabia quem eles eram; ou porque nos livros e na televisão e nas histórias de príncipes e princesas, e nos anúncios e nas conversas dos adultos e em toda, toda, todinha a parte, só falavam de rapazes a gostarem de raparigas e de raparigas a gostarem de rapazes. E ficava triste, e com medo e com vergonha de pensar de outra maneira.

Como imaginam, o problema da Ana começou a resolver-se quando um belo dia lhe ofereceram – ou será que apareceu lá na escola, no montinho de livros ao canto da sala? – um livro chamado “De onde venho?” A Ana estava farta de saber que tinha nascido da barriga da sua mãe biológica. Mas também sabia que os seus dois pais eram as pessoas que mais amava no mundo e que mais a amavam. E quando os colegas da escola começaram a ler a história de uma rapariga que tinha duas mães, então a Ana, cheia de orgulho, começou a falar dos seus dois pais, começou a

levá-los à escola, começou a levar os colegas lá a casa e aos poucos a sua vida ficou mais feliz e mais alegre.

Como imaginam também, o problema do Pedro começou a resolver-se quando um belo dia apareceu lá em casa – já não se lembrava se tinha sido o seu pai ou a sua mãe quem lhe dera o presente – um livro chamado “Por quem me apaixonarei?”. Talvez o livro estivesse também na fila de livros da estante da sala de aula. Uma coisa é certa: de repente fazia todo o sentido dizer que, se o mundo é feito de rapazes e raparigas, então há rapazes e raparigas que se apaixonam um pelo outro, assim como há rapazes que se apaixonam por rapazes e raparigas que se apaixonam por raparigas. A vida do Pedro começou a ficar muito mais alegre e feliz e começou a esquecer o mal-estar e a vergonha e o medo de poder vir a ser troçado pelos outros.

Já se tornou banal dizer que as crianças são o que de mais importante há no mundo. De certo modo, ainda bem que banalizámos essa ideia, esse valor. De certo modo. Porque ao banalizarmos essa ideia, esse valor, criámos uma noção de criança que ora é demasiado específica, ora demasiado genérica. Quando falamos de “crianças”, parece que pensamos ou nas nossas crianças – as que nos são próximas, com nomes e caras e personalidades que conhecemos – ou em crianças em geral, sem nomes, sem caras, sem personalidades. Com as primeiras temos uma relação demasiado próxima; com as segundas temos uma relação demasiado distante. As primeiras surgem-nos sempre como uma excepção, um caso à parte, feito de coisas concretas, factos, situações, emoções sentidas; as segundas surgem-nos sempre como um saco vazio onde podemos meter todos os nossos medos, valores, ideologias, visões do mundo. Pelo meio,

ficam todas as crianças como a Ana e como o Pedro. E como a Cláudia e o Francisco e a Vanessa e o Mamahdou e a Diana e tantas, tantas outras – e que são as crianças que vivem com pais divorciados, com meios-irmãos, em famílias recompostas, as crianças adoptadas por toda a sorte de famílias, as crianças que vivem com parentes que não os pais, as crianças de famílias monoparentais, ou as crianças, biológicas ou não, de gays e lésbicas. Pelo meio ficam todas as crianças que não têm que ser – que não devem ser – o produto das projecções dos pais, a começar pela sua orientação sexual. Se o mundo não lhes for apresentado como um mundo de possibilidades ao invés de um mundo de fatalidades, estas crianças não serão apenas as que ficam “pelo meio”. Serão as que ficam pelo caminho.

Há contos de fadas que fazem tanto mal como bem. Crianças vivendo com o pai e a mãe biológicos, na mesma casa, resultante do primeiro casamento ou união de facto são, quer gostemos, quer não, cada vez mais personagens de um conto de fadas. Não queremos que esse conto passe a ser um conto de bruxas, fonte de vergonha, de ansiedade, de medo e de exclusão para milhares e milhares de crianças que vivem em formas familiares tão diversas quanto a diversidade – positiva, criativa, e tremendamente humana – do mundo de hoje. E há contos de fadas que são já verdadeiros contos de bruxas, mostrando às crianças que a única via possível, a única via viável, a única via desejável e recompensadora é a da heterossexualidade.

Os espíritos medrosos e aflitos (quando não assumidamente cruéis) que parecem infelizmente dominar a nossa praça pública, reagem a qualquer demanda de mudança com o aviso da necessidade de “mudar as

mentalidades primeiro”. Pois bem, os autores destes livros aceitaram o desafio. E agora? Querem *mesmo* mudar as mentalidades? Nós queremos. E queremos *estórias* que estejam de acordo com a *História*. Que estejam em sintonia com o mundo que temos e não com um mundo que imaginamos ter havido em tempos, o mundo dos contos de fadas transformados em contos de bruxas. E queremos que estejam em sintonia com o mundo que desejamos, um mundo onde se acrescenta felicidade (a felicidade das Anas e dos Pedros e de toda a gente que deve sentir-se responsável pelas Anas e pelos Pedros), sem se retirar felicidade a ninguém. Estes dois livros são uma primeira semente em Portugal e por isso estamos imensamente agradecidos aos autores e aos editores.

Em vez de “Era uma vez”, as crianças como a Ana ou o Pedro vão poder passar a dizer “será uma vez”; ou mesmo “já é uma vez”. Compete-nos a nós, adultos que achamos mesmo que as crianças são o que há de mais importante, garantir que *agora é de vez*.